

Importações de livros franceses no Brasil: apontamentos para uma história da Livraria Francesa de São Paulo

Fabiana Marchetti*

Resumo

O presente artigo pretende desenvolver uma análise sobre a dinâmica de importação de livros franceses e o desenvolvimento do comércio de livrarias no Brasil, entre o século XIX e o a segunda metade do século XX. Essa discussão deverá subsidiar nosso entendimento sobre as condições de circulação do pensamento francês e de sua produção editorial em diferentes conjunturas do mercado brasileiro, chegando ao pós-Guerra para situar, social e economicamente, a gênese da Livraria na cidade de São Paulo, no ano de 1947.

Palavras-chave: História do livro, relações França/Brasil, importações, Livraria Francesa

* Mestra em história pela Universidade de São Paulo. Atualmente, desenvolve sua pesquisa de doutorado, vinculada ao programa de História Econômica (USP). O projeto em desenvolvimento intitula-se: “Paul Monteil e Difel: edição e difusão do pensamento universitário brasileiro (1947-1983)”, sob orientação da Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto e com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

A economia do livro, já o assinalamos, nutre-se da circulação. Dos pequenos circuitos, que aproximam o público leitor, e dos circuitos maiores, definidos pelas grandes redes comerciais e pelos grandes espaços geográficos.¹

Importação de livros e a circulação internacional de ideias

O livro é uma mercadoria que materializa em si as elaborações do espírito humano², circulando em favor de um ramo específico da economia e, ao mesmo tempo, dos interesses dos diversos mercados e sujeitos receptores de seu conteúdo imaterial. Desse modo, as relações comerciais de importação-exportação de livros constituem parte importante de um movimento internacional de circulação de ideias, expressando os aspectos econômicos e culturais que mediam historicamente a aproximação entre os países e as tendências que impulsionam a internacionalização da vida intelectual³.

No Brasil, essa é uma realidade importante, pois a ligação da cultura com o elemento estrangeiro tem raízes nas estruturas e no sentido⁴ de uma sociedade com origem colonial, onde a palavra escrita e os impressos ficaram, por muito tempo, submetidos ao controle metropolitano e o referencial de organização se estabelecia a partir dos padrões vindos da Europa. Diante disso, o mercado do livro se construiu como uma ponte entre dois mundos, veiculando ideias, com elementos de poder e dominação, mas que se transformaram e adquiriram novas formas ao

¹ Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros. Instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*, São Paulo, Edusp, 2012, p. 269.

² Referimo-nos à perspectiva apresentada em: Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo, Edusp, 2017. A concepção dos autores é retomada e discutida por Roger Chartier e Daniel Roche, “O Livro: uma mudança de perspectiva”, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.), *História: novos objetos, novas perspectivas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

³ Pierre Bourdieu, “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 145, dez. 2002, p. 3-8. Concordamos com o autor quando ele diz que a vida intelectual não é espontaneamente internacional, ela se move segundo as condições e interesses dos meios produtores e receptores de ideias.

⁴ Caio Prado Júnior, “O Sentido da Colonização”, in *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*, São Paulo, Brasiliense, 1965. A formulação do autor remete às questões estruturais que forjam uma sociedade de origem colonial.

longo do processo de formação nacional, e da construção de um sistema⁵ próprio de organização para seus meios intelectuais.

O comércio importador⁶ e as livrarias cumpriram, ao longo desse processo, um papel fundamental como mediadores entre os grandes circuitos de circulação internacional e os circuitos menores que se desdobravam em território brasileiro. Seus proprietários, normalmente estrangeiros, tinham acesso às redes de produção e distribuição em seus países de origem e conseguiam estabelecer conexões nos novos locais onde se instalavam:

Em todo o século XIX até o início dos anos 20 do século seguinte, as livrarias fundadas por imigrantes europeus talvez superem, em número, as casas fundadas por brasileiros. Talvez. Mas uma coisa é certa: as mais importantes foram fundadas por franceses, alemães e portugueses. Após um período de declínio, a presença de estrangeiros voltou a se acentuar em outros momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial [...]. O pequeno surto se prolongou até o início dos anos 1950.⁷

Somente no século XIX, pode-se ver o estabelecimento de um comércio mais organizado e sistemático de livros nas principais cidades brasileiras⁸. Apesar da tendência de manutenção das relações com os sujeitos e mercadorias estrangeiras, evidenciada pela citação, ao longo de mais de cem anos, as condições para sua difusão se transformam ou ganham novas formas, acompanhando a dinâmica econômica e cultural do país, e a posição das referências que vinham de fora.

⁵ Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, São Paulo, Martins, 1959. O autor apresenta uma perspectiva crítica para compreender os marcos de autenticidade na produção intelectual brasileira em sua relação com suas matrizes externas, formulando a ideia de sistema literário.

⁶ Os livros começam a circular de modo mais assíduo no mercado brasileiro através de casas importadoras, algumas delas se especializam ao longo do tempo.

⁷ Segundo a bibliografia sobre o tema há evidências da circulação de livros no Brasil desde o século XVII, no entanto, certamente não havia pontos de venda minimamente estabelecidos nas principais localidades do país. No XVIII, os jesuítas comercializam livros e alguns comerciantes vendem essas mercadorias em meio a outras importadas, mas ainda sem um fluxo sistemático.

⁸ Ubiratan Machado, *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*, Cotia, Ateliê Editorial, 2008, p. 18.

É nesse sentido que se desenvolve nossa pesquisa sobre a história da Livraria Francesa, fundada em São Paulo, no ano de 1947⁹. Ela faz parte do processo de formação do mercado do livro no Brasil e de sua ligação com os circuitos internacionais de circulação de ideias, a partir de um lugar específico, por sua identidade com o pensamento e a produção editorial vindos da França, e pelo momento em que surge, após a Segunda Guerra Mundial. O intuito desse artigo é discutir os pressupostos da gênese desse empreendimento, construindo um histórico sobre as importações de livros franceses e as condições de sua difusão no comércio de livrarias no Brasil.

Os dados que estruturam a análise foram apresentados por Laurence Hallewell em sua obra *O Livro no Brasil: Sua história*¹⁰. O autor faz uma sistematização sobre o universo de importações brasileiras em diversas tabelas e chama atenção, justamente, aquela que se refere às mercadorias francesas, intitulada, “Declínio da importação de livros franceses a partir de 1910”. A constatação colocada pelo historiador, que é correta, também era muito assertiva e, embora tentasse denominar apenas a tendência geral dos dados, considerando possíveis variações anuais, dava a impressão de um movimento contínuo e progressivo na queda dos valores importados.

Entre a leitura de Hallewell e a construção de nosso objeto de pesquisa, a história da Livraria Francesa, foi necessário que realizássemos uma leitura mais detalhada desse processo de declínio. No século XX, os livros circulam num ambiente acirrado de disputa por hegemonia

⁹ A história da Livraria Francesa é parte da pesquisa de doutorado que a autora desenvolve na USP. O trabalho discute como a Livraria esteve relacionada ao desenvolvimento da cultura e a educação em São Paulo, especialmente, com o público de nível universitário. A partir desse lugar, acredita-se que ela viabilizou a expansão das atividades do livreiro Paul Monteil, seu proprietário, no mercado editorial paulista, e brasileiro, do anos 1950, levando-o a fundar a editora Difusão Europeia do Livro. De modo geral, a tese procura desenvolver a ideia da formação e difusão de um pensamento universitário no Brasil, a partir desses empreendimentos e da dinâmica do mercado do livro.

¹⁰ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua história*, São Paulo, Edusp, 2012. Os dados estatísticos sobre as importações brasileiras de livros foram retiradas do “Apêndice I: tabelas”. Tabela 9. O comércio luso-brasileiro de livros: balança entre Brasil e Portugal no século XX (p. 848-853); Tabela 11. Importações brasileiras de livros (p. 857); Tabela 15. Declínio da importação de livros franceses a partir de 1910 (p. 863-865); Tabela 16. Importações de livros da Espanha e da América Latina, 1910-1959, por peso (p. 866-868); Tabela 19. Importações de livros de países de língua inglesa (p. 872-880).

entre as potências capitalistas. Nesse contexto, as variações estatísticas apresentadas não eram aleatórias. Elas caracterizavam movimentos internos, não homogêneos, para a concorrência do livro francês com mercadorias de outras origens. Desse modo, definimos a existência de quatro conjunturas de sua participação no universo de importações brasileiras que se apresentarão a seguir.

Espera-se que esse artigo apresente a pesquisa que estamos desenvolvendo e contribua com um olhar mais detalhado para os estudos que se debruçam sobre a história do livro no Brasil, especialmente, a partir da história de suas livrarias e de sua conexão com a dinâmica internacional de circulação de ideias.

A hegemonia francesa (1822-1912)

Não existem dados sistematizados sobre a entrada de livros estrangeiros no Brasil ao longo do século XIX. É certo que as edições portuguesas constituíam um setor importante, pelo histórico das relações coloniais e os vínculos que se mantiveram após a independência, pela presença de portugueses no comércio das principais cidades e pela questão prática do idioma comum. No entanto, o que se vê da dinâmica do mercado livreiro é o rápido predomínio do livro francês. Naquele momento, a França se apresentava como a principal referência para a elite brasileira em termos de cultura e padrões de comportamento:

A admiração pela França constituiu um traço marcante das elites brasileiras desde os primórdios da independência, momento em que se tornou urgente dotar o jovem país de uma identidade capaz de lhe assegurar feições próprias.¹¹

A questão da identidade nacional passava pelo modelo europeu e Paris era o grande centro difusor de um ideal de modernidade, bons hábitos, produtos e técnicas de qualidade. Muitos jovens da aristocracia passavam temporadas ali e estudavam em seus centros de excelência, reforçando seus vínculos culturais e intelectuais com a matriz francesa. Além disso, esse repertório simbólico chegava ao território brasileiro de outras formas, dentre elas, o comércio importador. Este era um caminho essencial para materializar e incorporar o afrancesamento dos

¹¹ Tania Regina de Luca e Laurent Vidal, “Introdução”, in *Franceses no Brasil. Séculos XIX – XX*, São Paulo, Editora Unesp, 2009, p. 9.

extratos sociais mais elevados ao cotidiano das ruas e estabelecimentos dos centros urbanos.

Essa realidade não se construía apenas pelo interesse dos brasileiros, ela estava muito bem sedimentada na posição cultural hegemônica que a França ocupava internacionalmente. Das ações diplomáticas às relações comerciais, a garantia desse reconhecimento beneficiava suas disputas, em outras esferas de poder, contra as demais potências europeias¹². A exportação dos “artigos de Paris”¹³ movimentava sua economia e reforçava sua presença em outras partes do mundo. Sendo assim, o alcance de sua produção editorial representou, desde cedo, uma dimensão importante de sua capacidade de afirmação. Através do livro, o pensamento francês conformava uma tradição para o público letrado e incorporava-se não apenas aos hábitos, mas também ao repertório intelectual e político da época, com especial influência sobre a sociedade brasileira, como já dissemos.

Algumas livrarias francesas ficaram conhecidas por seu papel na formação do mercado do livro no Brasil. O Rio de Janeiro, sede da corte e capital do Império, era o centro das atividades editoriais e do comércio de livros no país no século XIX, e se manterá como o polo mais dinâmico do setor até meados do século XX. Ali, destaca-se a presença de Pierre Plancher (1824) e de Baptiste Louis Garnier (1844), ambos com experiência no mercado de sua terra natal, chegam ao Novo Mundo com intenções de manter-se no ramo. Plancher chegou com maquinário tipográfico e teve autorização do imperador para imprimir, instalou sua livraria na Rua do Ouvidor e as mercadorias vindas da França ocupavam suas prateleiras de modo quase exclusivo¹⁴. Garnier será o principal livreiro da cidade até a década de 1910¹⁵.

¹² Juliette Dumont, “Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses do Brasil no início do século XIX”, in Tania Regina de Luca e Laurent Vidal (org.), *op. cit.*, p. 108-109.

¹³ Vanessa dos Santos Bodstein Bivar e Eni de Mesquita Samara, “Do outro lado do Atlântico: imigrantes franceses na cidade de São Paulo no século XIX”, in Tania Regina de Luca e Laurent Vidal (org.), *op. cit.*, p. 211.

¹⁴ Marco Morel, “As Revoluções nas Prateleiras da Rua do Ouvidor”, in *As Transformações dos Espaços Públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidade na cidade imperial*, São Paulo, Hucitec, 2005.

¹⁵ Marisa Midori Deaecto, “B.L. Garnier e A.L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre França e Brasil no século XIX”, in Tania Regina de Luca e Laurent Vidal (org.), *op. cit.*, p. 428.

São Paulo ainda era uma vila pacata, contudo, desde 1827, via crescer sua vida intelectual em torno da Faculdade de Direito, esse círculo de formação e debates incentivou o surgimento de um pequeno comércio de livrarias no qual se destacou o francês Anatole Garraux. Ele começa a atuar como representante de vendas no ano de 1859, estabelecendo firma em sociedade com Guelfe de Lailhaicar em 1863. Juntos, irão atuar na distribuição de livros não apenas no mercado paulistano, onde Garraux abre seu estabelecimento, mas também na cidade do Recife, em que a Livraria Francesa da Rua do Crespo fica sob responsabilidade de Lailhaicar¹⁶.

Esses estabelecimentos se consagraram à época como pontos de mediação com o Velho Mundo a partir da produção francesa. Não eram apenas locais voltados para a compra e venda, mas eram também espaços de encontro e convívio em que as ideias estrangeiras tinham um ponto de parada para, então, fomentar grupos e debates internos. As atividades em torno das livrarias também comportavam iniciativas editoriais, no entanto, a importação era um caminho imprescindível para a constituição do mercado, pois a produção nacional se desenvolvia muito lentamente e estava aquém de abastecer a demanda interna¹⁷.

O destaque no comércio revela como o livro francês era a mercadoria que, por excelência, atendia às demandas do público brasileiro e acabou por estabelecer parte das estruturas constitutivas de seu mercado. No que diz respeito às importações, chega-se à primeira década do século XX, quando começamos a trabalhar com as estatísticas, e as edições vindas da França abrangiam mais de 50% do setor. Nenhum concorrente chegaria perto dessa representação: as publicações vindas de Portugal, por exemplo, ficavam em segundo lugar e não chegavam a abarcar 25% dos importados. Esses dados confirmam a posição hegemônica da cultura francesa nas trocas econômicas e simbólicas com o Brasil.

Em 1913 haverá uma quebra inédita nos parâmetros vistos para os anos anteriores: as importações desse ano dobram com relação a 1910, mas a representação francesa cai para 33,5% das importações, em peso,

¹⁶ Vale notar que o Recife também possuía uma Faculdade de Direito. Apesar das disparidades regionais, quando observamos o levantamento de Ubiratan Machado, percebemos que as livrarias que surgem em outras localidades do país também se constroem vinculadas ao livro francês.

¹⁷ Marisa Midori Deaecto, “B.L Garnier e A.L Garraux...”, *op. cit.*, p. 422.

e 43,7%, em valor. Era um primeiro sinal de mudanças que viriam para alterar a situação de conforto ocupada pela hegemonia internacional da cultura francesa e da circulação de seus bens culturais, entre eles, o livro.

Uma conjuntura de tensões e realinhamento (1913-1932)

O “breve século”¹⁸ estava prestes a se iniciar, e a dinâmica internacional pautava o desenvolvimento das nações a partir da ideia de progresso e disputa. Os países com baixo nível de industrialização e historicamente dependentes da economia europeia se tornavam alvos do acirramento de forças entre as potências. No médio prazo, esse novo contexto trará consequências para o mercado editorial brasileiro, que atingirá um nível de organização mais complexo, interferindo nas características do setor de importações.

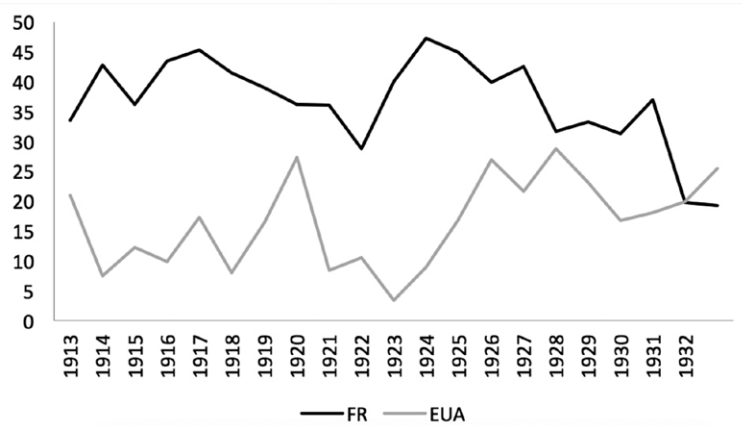
No que se refere à relação comercial com a França, construía-se uma tendência de declínio de sua participação no abastecimento de livros. A média para o período de 1913-1932 será de 37,6%, uma redução considerável, em relação aos mais de 50% que costumava atingir, mas que ainda não afeta sua posição de liderança frente aos demais países fornecedores. A ampliação da concorrência e a relativa perda de espaço não se farão de modo abrupto, tampouco serão lineares, o que se configura é um movimento de tensões, definidas, especialmente, a partir da Primeira Guerra Mundial e da crise de 1929.

O conflito, que se inicia no continente europeu, envolvendo diretamente a França, estabelece condições para a alteração na correlação de forças entre os centros difusores de livros para o Brasil. As edições portuguesas se destacam entre 1914-1918, aumentando sua participação de 21% a 30% do total de livros importados. O impulso é significativo, no entanto, não ameaça a predominância francesa, e fica restrito a uma reação às condições de guerra, pois o ritmo de seu crescimento não se sustenta já em 1919. Outro centro que se beneficia das condições do período são os Estados Unidos. Sua primeira participação expressiva no setor se dará no ano de 1913, justamente na primeira baixa francesa, quando sai de uma média de 6% das importações, para abarcar 21%. Durante a Guerra, essa representatividade não se repete, mas uma

¹⁸ Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

alternância anual entre picos de fornecimento e baixa elevam sua participação nas importações brasileiras a uma média de 12%.

Gráfico 1: Uma conjuntura de tensão: participação de França e Estados Unidos nas importações brasileiras de livros (1913-1932)¹⁹



Apesar da irregularidade nos anos 1914-1918, as edições estadunidenses conseguirão manter-se na disputa do mercado brasileiro. Paralelamente às oscilações conjunturais provocadas pelo conflito, as transformações de maior impacto, no médio e longo prazo, decorrem do realinhamento internacional que se consolida nos anos posteriores à Guerra, levando à emergência dos Estados Unidos como potência econômica mundial. Para afirmar sua posição, o país desenvolve iniciativas que fortalecem sua indústria cultural no sentido de difundir o modelo de vida americano, enfrentando-se, direta e indiretamente, com os padrões europeus e a velha hegemonia francesa²⁰. A posição geopolítica do mercado brasileiro o coloca como alvo essencial da política estadunidense, apresentando para a sociedade novos hábitos e referências de progresso e modernidade.

¹⁹ Percentual sobre o volume de livros importados em toneladas. Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 863-880.

²⁰ Aqui nos referimos à necessidade de afirmação dos Estados Unidos frente às nações europeias que estiveram à frente do desenvolvimento capitalista até a Primeira Guerra, mas sabe-se que a afirmação do *american way of life* também era fruto de uma disputa que se iniciava contra o recém-fundado regime socialista soviético.

O movimento das importações acompanha esse processo. Vê-se no gráfico que outros picos na participação dos Estados Unidos se repetem entre 1919-1920, 1924-1925 e, em 1928 - nesse momento, a aproximação com o fornecimento francês é inédito, com uma diferença inferior a 3%. Ou seja, a influência francesa ainda não poderia ser suplantada, ela contava com a força de sua tradição nos meios intelectuais brasileiros, com as relações comerciais bem sedimentadas entre exportadores-importadores e sua capacidade de abastecimento, entretanto, mesmo com todos esses elementos favoráveis, ela tinha de enfrentar um duro cenário de polarização. Os americanos expandiam sua capacidade produtiva e ocupavam uma posição internacional favorável para estreitar os vínculos simbólicos e se afirmar nesse mercado.

Cumprir notar que o movimento de concorrência, até a “virada” do livro americano, em 1933, ocorre em meio à redução significativa do universo total de livros importados. Tanto a Primeira Guerra, quanto a crise de 1929 interferem nas possibilidades dos centros europeus e dos Estados Unidos em exportar mercadorias, desse modo, os dois eventos favoreceram o desenvolvimento da indústria brasileira num processo que se convencionou chamar de industrialização por substituição de importações²¹. Este atingiu a produção de livros e as edições nacionais puderam se desenvolver, partindo das dificuldades de seus fornecedores, para vivenciar uma experiência de conflitos e superação das suas condições precárias no setor produtivo.

Não interessa ao artigo aprofundar na dinâmica das editoras brasileiras, mas é importante saber que, se a importação de mercadorias decrescia nesse momento, a produção estrangeira encontrava outras vias para circular. Boa parte da produção nacional estará voltada às traduções, especialmente nos anos 1930²². Desse modo, a relação entre as transformações internacionais

²¹ A elaboração ficou consagrada na análise de Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1959. Com relação à redução nas importações de livros: durante o conflito mundial os valores decaem de 1.666.747 toneladas de livros, em 1913, a 528.282, em 1918; os impactos da Crise, considerando os anos da Grande Depressão, expressam uma redução de 995.380 toneladas de livros, em 1928, para 302.474 toneladas em 1932. Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 857.

²² A partir dos anos 1930 a prática de traduções se difunde no Brasil, com destaque para a editora Globo, que criou referência nacional na publicação de romances policiais. O legado histórico do livro francês e de sua referência intelectual no país faz crer que parte da produção nacional também se voltou a edições com origem nessa matriz – impressões dos originais ou traduções.

e a capacidade produtiva interna demonstra que a disputa por hegemonia comercial e ideológica se fazia a partir de um processo de dinamização e complexidade do mercado brasileiro.

O comércio de livrarias também se diversificou nessa conjuntura de tensões. A ampliação da concorrência e da produção interna fortaleceu estabelecimentos que não tinham sua identidade ligada a uma única origem das mercadorias²³. A casa Francisco Alves, no Rio de Janeiro, está entre os que se destacam no período. Embora tenha sido fundada em 1880, é nas primeiras décadas do século XX que ela se consolida e, já com a sede na Rua do Ouvidor (1897), abre suas filiais em São Paulo e Belo Horizonte. Na capital paulista, a Teixeira, nascida em 1876, passa por um processo semelhante de crescimento e torna-se referência na vida intelectual da cidade; ao seu lado, a Saraiva, fundada em 1917.

O livro francês ainda ocupava lugar de destaque dentro desses estabelecimentos mais amplos, mas as tradicionais Garnier e Garraux já não possuíam o mesmo destaque de outros tempos²⁴.

A perda de hegemonia e a Segunda Guerra Mundial (1933-1945)

Em 1933, os Estados Unidos passam a ser o maior fornecedor de livros ao Brasil com 25,4% do volume total de importados²⁵. A França perde sua posição hegemônica, e o período que se segue até 1945 apresenta valores muito abaixo da conjuntura anterior, saindo de 19,2% em 1933, para 8,3% em 1939. Essa baixa quase constante não pode ser explicada apenas pelas políticas de fortalecimento da cultura americana em nível internacional, ou por um súbito desinteresse do mercado brasileiro.

A Segunda Guerra Mundial estabelece um novo marco para a dinâmica da concorrência entre França e Estados Unidos nas importações livreiras, impondo de maneira decisiva o predomínio das edições estadunidenses até o seu encerramento. Em 1933, já se pode aferir que os antecedentes do conflito no continente europeu contribuíam para

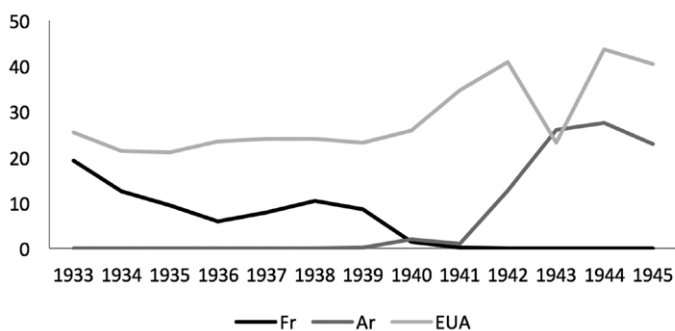
²³ Segundo o estudo de Ubiratan Machado a única livraria especializada seria a Leia – Livraria Editora Importadora Americana (1914), maior distribuidora de livros italianos em São Paulo.

²⁴ A Garnier fecha em 1936, e a Livraria Garraux, em 1935. O fim de suas atividades coincide de modo emblemático com o período em que a hegemonia francesa é superada no universo de importações, conforme demonstra o item a seguir.

²⁵ Laurence Hallewell, *op. cit.*, tabela 19, p. 872-880.

o declínio da participação francesa no mercado, pois as quedas mais acentuadas atingem ser ponto mais baixo, em 1936, quando se inicia a Guerra Civil Espanhola. Após ensaiar alguma reação entre 1937-1938, sua participação refluí no universo importador até o bloqueio total das relações comerciais a partir da ocupação nazista. Não há registro da entrada de livros franceses no Brasil entre 1941-1945, essa interrupção faz os Estados Unidos despontarem e abrirá espaço para outro centro difusor importante a Argentina.

Gráfico 2: O Domínio Estadunidense e a presença da Argentina (1933-1945)²⁶



Os livros argentinos passam a entrar no país em uma curva acelerada até 1943, quando superam pontualmente as importações estadunidenses, com 26,04%, contra 23,2%. É importante ressaltar que a velocidade com a qual as edições argentinas ocupam o mercado é impulsionada, entre outros fatores, pela familiaridade linguística. A ausência da matriz latina, representada pelo francês, teve de ser substituída pelo castelhano e a produção argentina, que crescera desde 1936 com a crise espanhola, estava próxima territorialmente. Os laços com o vizinho latino se estreitaram, mas a força da economia norte-americana e suas políticas de difusão ideológica fortaleciam a circulação de seus livros.

Ao lado da dinâmica econômica e política internacional, no Brasil outros processos criavam espaço para a recepção das ideias americanas. O ensino

²⁶ Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 863-880.

superior via surgir as primeiras iniciativas para a fundação de universidades no país, dentro delas eram introduzidas as ciências sociais, um campo novo para o qual os norte-americanos se direcionavam. Haveria, com certeza, a disputa com a referência vinda da França, pois a estrutura das principais instituições se constrói com base nas “missões francesas”, no entanto, os Estados Unidos possuíam repertório para se apresentar como alternativa nessa área, e irão disputa-la²⁷. As edições, por sua vez, concorrerem na demanda pelo livro técnico de nível universitário.

O perfil das livrarias que surgem no período não se difere substancialmente do anterior. São casas generalistas e importadoras: no Rio de Janeiro, destacam-se, a José Olympio (1934), Kosmos (1935) e São José (1938); em São Paulo, Freitas Bastos (1938), Martins (1937), Jaraguá (1942), Siciliano (1942) e Brasiliense (1943). No caso paulista, a Martins atuará muito ligada ao meio universitário e, durante a guerra, terá alguma identidade com o livro vindo dos Estados Unidos.

O momento da retomada (1946-1955)

Em 1947, um quinto dos livros em circulação no Brasil vinham de fora, destes, cerca de 50% tinham origem nos dois centros editoriais do Novo Mundo²⁸. Essa situação só se modifica em 1949, quando a França ultrapassa ligeiramente a participação argentina – 9,10%, contra 8,45%. Os Estados Unidos se mantêm na liderança das importações brasileiras, mas abria-se, rapidamente, um novo período de disputa que destacamos como uma conjuntura de retomada para o livro francês. Ainda que saibamos o final da história, a França não seria novamente a nossa maior fornecedora de livros, compreende-se a existência de uma dinâmica virtuosa de sua recepção no mercado, entre 1946 e 1955.

Após a Guerra, algum tempo seria tomado para que a economia francesa voltasse a funcionar dentro da normalidade, mas estratégias

²⁷ O referencial francês será muito forte na organização das primeiras universidades do país. Com perfis distintos, os primeiros professores das instituições do Rio de Janeiro e São Paulo serão recrutados na França, fazendo com que a essa matriz de pensamento se mantenha no processo de renovação do ensino superior. Contudo, os EUA, a partir de políticas e órgãos oficiais, estabelecerão acordos para atuar em museus, faculdades e outros espaços de formação e pesquisa. A disputa que se vê no mercado de livros ocorria no cotidiano da vida intelectual nos principais centros do Brasil. Sobre o tema: Fernanda Arêas Peixoto, *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na USP*, São Paulo, USP, 1991.

²⁸ Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 570-571.

para a sua reconstrução passavam pela concorrência internacional. Nesse processo, estava envolvido o retorno ao pleno funcionamento da capacidade de sua produção editorial:

No sindicato Nacional dos Editores, observavam-se, com prazer, os primeiros sinais da retomada, a duplicação dos títulos publicados na França em 1947, 14.746 contra 7.291 em 1945, e a reconquista dos mercados estrangeiros iniciada nesse mesmo momento. [...] Para ajudar os editores nesse trabalho de fôlego, o serviço de Obras Francesas no Exterior tinha sido substituído no Quai d'Orsay pela Comissão Nacional do Livro Francês no Exterior e sua presidência fora confiada, simbolicamente, ao presidente da Assembleia Nacional [...].²⁹

Ao mesmo tempo em que os editores franceses se lançavam ao estrangeiro, o mercado brasileiro se mostrava receptivo, especialmente, no que diz respeito a vantagens comerciais. O reestabelecimento dos centros fornecedores colocava na pauta da economia brasileira as questões sobre a relação entre a produção interna e as importações. Desse debate, prevalecerá, em diversos setores, o incentivo à entrada de mercadorias estrangeiras no abastecimento nacional.

Os livros estarão entre os produtos beneficiados pelas políticas de câmbio e importação: “os livros estrangeiros recebiam tratamento preferencial [...] era em essência um subsídio cambial, subsídio tão grande que esses livros podiam ser vendidos no Brasil pela metade do preço dos países de origem!”³⁰. Essa realidade persistirá até o fim da década de 1950, fazendo com que o volume de importações volte a crescer substancialmente de 588.00 toneladas, em 1944, para 1.016371, em 1947, ultrapassando os 2.000.000 em 1954³¹.

No comércio livreiro, as casas tradicionais veem as suas seções de mercadorias estrangeiras se fortalecerem e retomam-se as iniciativas de empreendedores estrangeiros na abertura de estabelecimentos especializados. É o caso da livraria Ler (1947) – primeiro empreendimento

²⁹ Jean-Yves Mollier, *Edição, Imprensa e Poder na França no Século XX*, São Paulo, Edusp/FAP-Unifesp, 2015, p. 218.

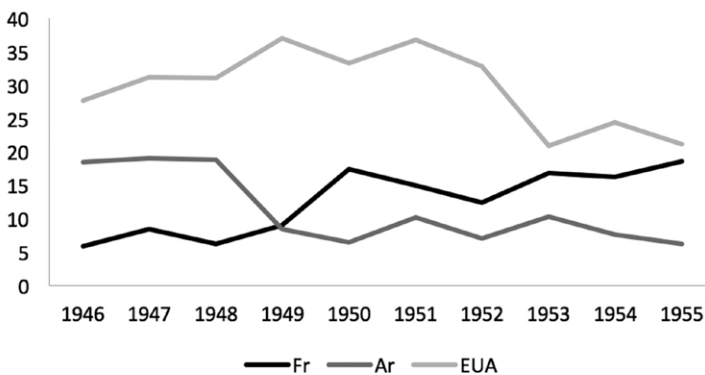
³⁰ De 1939 a 1950 vigora uma política geral de valorização do câmbio que, em seguida, é substituída por dois sistemas mais elaborados o de licenças de importação (1951) e o de taxas múltiplas de câmbio (1953). Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 572.

³¹ *Ibid.*, Tabela 11, p. 857.

de Jorge Zahar, o lado de seus irmãos, no mercado do livro –, da Pégasus (1949) e da Leonardo da Vinci (1952), no Rio de Janeiro. Entre elas, a Da Vinci é a que surge mais ligada ao livro francês, mas logo diversifica suas atividades para fornecedores de outras nacionalidades, a Zahar ficou muito conhecida por distribuir livros americanos nas publicações da Livraria do Congresso. Em São Paulo, além da Livraria Francesa (1947), surgem: a Cultura (1947), que iniciou atividades com livros alemães, a Parthenon (1947), especializada em obras raras e de luxo, a Pioneira (1948), que ganhou fama com a distribuição de coleções do *pocketbook* americano, e a Mestre Jou (1952), representante da Fondo de Cultura Economico.

Era uma conjuntura favorável ao processo de retomada, entretanto, o livro francês precisaria de um impulso suficiente para superar a concorrência nas prateleiras e vitrines de um comércio dinâmico e diversificado. Esse movimento se confirma. Em menos de cinco anos após o fim da guerra, a França já alcançava a Argentina no *ranking* de abastecimento de livros, ultrapassando-a em 1950 com 17,5% das importações. Os Estados Unidos, por outro lado, a partir de 1951, apresentam um movimento de queda em sua representatividade, até que, em 1955, livros franceses e americanos atingissem relativo equilíbrio³².

Gráfico 3: A Retomada do Livro Francês (1946-1955)³³



³² O gráfico foi construído com o percentual sobre o volume de livros, em toneladas, pois só esses dados estão disponíveis para as importações argentinas. Em relação à França e Estados Unidos é possível utilizar a comparação por valores importados e, nesse caso, a França ultrapassa seu concorrente no ano de 1955.

³³ Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 863-880.

O cenário de rápida recuperação demonstra que mercadorias e ideias vindas da França ainda poderiam contar com o interesse do público brasileiro, ao ponto de disputar com as referências criadas pelos centros difusores que dominaram até 1945, e outros que viessem a se beneficiar da política favorável às importações.

Havia, certamente, o peso da tradição, que remontava ao século XIX, mas se, desde os anos 1930, o meio intelectual e as instituições de cultura no Brasil vinham se transformando, e o livro americano conseguia se colocar nos espaços abertos por esses processos de mudança, a produção francesa tinha de projetar-se ao público atribuindo novo significado à sua legitimidade histórica. Era necessário apresentar-se também como elemento de inovação. Das primeiras tensões no início do século à nova disputa do pós-guerra, quais seriam as formas e conteúdos capazes de potencializar a referência francesa nesse mercado?

A Livraria Francesa, um estudo em construção

As quatro conjunturas que definimos estabelecem os tempos e movimentos de mudança na relação de trocas comerciais e simbólicas entre França e Brasil, através do livro. A Livraria Francesa pode ser tomada como caso representativo dos aspectos que envolvem o significado dessa longa história, tanto em sua resistência como tradição e modelo de pensamento, quanto nas transformações e na inovação que deveria representar para resistir e disputar o mercado do século XX.

Primeiramente, é preciso observar o seu perfil. A especialização em livros importados era comum a outros estabelecimentos que surgiram à época, mas nenhum de seus contemporâneos se manterá tão fiel a uma única origem de suas mercadorias. Reviver a identidade francesa de forma tão marcada significava atuar em uma zona de relativo conforto diante das referências existentes nas estruturas da intelectualidade, conforto este reforçado pela posição social daquele que irá impulsionar os negócios. Paul Jean Monteil, seu fundador, era francês naturalizado brasileiro àquela altura, e vivia em São Paulo desde 1937. Antes de se tornar livreiro, foi diretor da fábrica de tecidos Textillia³⁴.

³⁴ A Textilia S.A. pertencia ao grupo Rhodiaseta. Indústria francesa Societé Chimique des Usines du Rhône – Rhone-Poulenc, fundada em Lyon, atuante nos setores químico e farmacêutico – o segundo toma força após a Segunda Guerra. A empresa se instala no Brasil em 1919, no setor químico; em 1931, inicia suas atividades no setor têxtil. Sobre a Rhodia ver: <http://www.rhodia.com.br>.

Entre a engenharia e os livros, contudo, Monteil se inseriu na vida da metrópole a partir de outros vínculos, especialmente, atividades políticas que envolviam, entre outros sujeitos, os intelectuais, professores e estudantes da época³⁵. De modo um tanto quanto inusitado, foi demitido do emprego e com as verbas rescisórias conseguiu recursos para realizar o sonho em trabalhar com a cultura:

Os livros sempre constituíram o maior sonho! Desde muito jovem pretendia fazer qualquer coisa pela cultura e frequentemente pensava em por minha vida a seu serviço. Aproveitei a primeira oportunidade que tive e fundei a Livraria Francesa. De lá pra cá, a minha maior preocupação tem sido difundir livros [...].³⁶

O legado do pensamento francês e da atuação de seu mercado editorial no Brasil não seriam suficientes para que um novato se viabilizasse no ramo. Sua visão de mercado estava limitada, de um lado, por sua inexperiência e, de outro, pelas condições das exportações francesas e de suas relações comerciais com o exterior. Nesse sentido, seus interesses mais imediatos, vinculados com a política e o meio social com o qual se relacionava, foram essenciais para dar os primeiros passos no mundo do livro.

É assim que, dentro da tradição, o sonho em trabalhar com a cultura se realiza a partir de uma perspectiva inovadora. As primeiras levas de importação se fizeram de modo quase informal. Monteil vai pessoalmente a Paris buscar editores com quem pudesse negociar e volta com algumas caixas de livros. A maioria deles pertencia aos selos de editoras do movimento de Resistência, cujas atividades constituíam o que havia de mais dinâmico no mercado francês do imediato pós-guerra³⁷.

Os temas políticos trazidos por essas editoras encontrariam em território brasileiro um público certo, com quem Paul Monteil possuía

³⁵ Paul Monteil participou do Comitê de Franceses Livres em São Paulo e foi militante do Partido Comunista do Brasil nos anos 1940. Resultados apresentados pela autora em seu relatório de qualificação.

³⁶ Maria Antonieta D'Alckmin, "No Brasil, o editor Monteil realiza o sonho da juventude", in *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 de outubro de 1960.

³⁷ Jean-Yves Mollier. *op. cit.*, p. 145. A identificação dos principais fornecedores de livros da Livraria Francesa faz parte dos primeiros resultados de nossa pesquisa e foram sistematizados a partir da análise dos livros contábeis da empresa.

boas relações. A politização do período comportava a polarização ideológica da Guerra Fria e a produção intelectual francesa viria a contribuir para um pensamento crítico em relação ao capitalismo e, sobretudo, à grande potência da época, os Estados Unidos. As instituições de ensino, especialmente as universidades, incorporavam esses debates e, se a tradição francesa era parte essencial de sua organização, ela ganhava novo sentido enquanto referencial teórico.

A Livraria nasce, portanto, como instituição mediadora das novas representações do pensamento francês, participando do movimento de retomada dos livros franceses no universo de importações brasileiras. Um estudo sobre seu funcionamento abre as portas para compreendermos os aspectos de permanência da matriz francesa nas estruturas de organização intelectual e de formação do público letrado no Brasil, e as rupturas que construirão um novo sentido para as trocas veiculadas por sua produção editorial em âmbito internacional.